

# Asas da Palavra

Centro de Ciências Humanas e Educação



Revista do Curso de Letras n° 04

UN Unama  
Universidade do Araripe

1996



## APRESENTAÇÃO

Em 1996, a Revista *Asas da Palavra*, sempre comprometida em publicar estudos sobre nomes significativos da literatura de expressão amazônica, dedicou o número 04 a Dalcídio Jurandir.

Agora, oito anos se passaram e a figura desse escritor marajoara volta às páginas desta mesma Revista, porquanto cresce a cada dia o número de leitores interessados em estudar a obra dalcidiana, o que denota estar o escritor vivo no mundo das letras e das artes – a arte da palavra, das cores, do mito, do rito, da terra, das águas, da vida, dos homens, a arte da arte ...

A literatura do autor de *Chove nos campos de Cachoeira* é pautada num composto narrativo envolvendo ricos e marcantes personagens - muitos deles mais fortes - por serem sobreviventes de uma selva de sobreviventes das misérias humanas. A narrativa possui uma linguagem própria, acurada, densa de imagens em que "todos os sentidos alerta funcionam"<sup>1</sup>, paisagem singular, cuja forte policromia hipnotiza aqueles que se defrontam com ela, paisagem. Por tudo isso é que a escritura de Dalcídio transcende o limite do nacional, pois ele não é apenas um escritor, mas acima de tudo psicólogo, sociólogo, antropólogo, etnógrafo...

Ao ser agraciado pela Academia Brasileira de Letras com o prêmio "Machado de Assis", pelo inusitado conjunto novelístico até então publicado (1972), confirmou ser ele um escritor que contribuiu para fazer de nossas letras uma literatura universal.

E o nosso escritor amazônida continua sendo premiado, de vez que inúmeras pesquisas *afloram*, conforme documentam dissertações de Mestrado e teses de Doutorado defendidas nas Universidades do Brasil e do exterior.

Dessa forma, a obra dalcidiana representa um inesgotável campo de investigação, um largo "pasto" onde o pesquisador *garimpa* e *gapuia*, com os sentidos voltados ao fundo de nossas águas, raízes, costumes, enfim ao universo amazônida que o ficcionista soube criar, desenhar e pintar como ninguém.

Há pouco criou-se, no Rio de Janeiro, a Fundação Casa de Dalcídio Jurandir, a exemplo de outra "Casas" para abrigar a obra, o estudo e as pesquisas sobre este escritor.

Na entrevista *Um Escritor no Purgatório* nosso autor de ficção dissera *não ser um escritor de grande público*, e não o era até então, mas seus textos eram conhecidos por um seletor público que apreciava a verdadeira literatura.

Não é sem razão, portanto, que o Curso de Letras da Universidade da Amazônia, através da Revista *Asas da Palavra*, está sempre aberto a publicações ou republicações de estudos sobre obras de escritores da Amazônia, a exemplo deste número que marca os 95 anos de "vida" de Dalcídio Jurandir.

**Rosa Assis**

Membro do Conselho Editorial

Maria de Belém

Ainda temiam des naufragar o navio. Ele virou fantasma, virou cobra leonina.

Sobre as enchentes em Marajó, o espetáculo é o mesmo. No meu romance "Marajó em falda de água invasora. O 'choro' está enchado do arromento. Três Casareu e seus. Toda a minha obra flutua na enchente. Vejo o jacaré, o peixe aruanã e o defunto que escapou do cemitério alagado. Morei numa casa em cima d'água. Até hoje vejo os peixes e as marreias e as chujas enormes.

O padre continua em forma Marajó e ainda Terra encantada. O gado anfíbio. O homem enchado. Marajó é como o navio: submerso. Soure - Soures - e Ponte de Pedras está no teso. A chujira se refugia numa terrazinha firme. A parte baixa, onde morei, é tudo enchido.

Vejo no vaqueiro Apregio as tardes de ferro, o embarque das rezes, os esquites poirentos com a flauta de Luiza e o saxofone do Paraense.

Quando Marajó

Tomou...

Bruno

afinal este horário tem o sabor de

MEU peixe frito  
PAI Um abraço,

de  
Dalu de S  
De Imba

MEMORIA DE

MARGARIDA RAMOS.

MINHA MAE

Bruno de Menezes

Meu babalacô - como vão os orixás, meu velho? Me lembra ainda da beicam da Mãe de Santo, naquela tarde sagrada.

Vento vindo do mar. Meu corpo se encantou num filão de remanja. É preciso que os ogans rezem, que a mãe de santo curo que o pai dos orixás para o filão de santo se desatuar e volte ao Terreiro... Com os ramos de "Uis possu no Amofina"? Até vem o carnaval.

Pai João está sempre porque o seu babalacô, por falacão no jornal. Natal. Analise aquela "A beicam babalacô"?  
Dalu de S -



10/2

TELEGRAM

1310  
Empatia

alouquer pa 376-11-26-17.2

Monte Comigo como nunca  
esta viagem com infancia

Dalcidio

12 de Março

Maria de Belém

encontrei o pretexto exatito  
num cartão de ficha:

Maria de Belém, Maria de Belém  
Não sabe a tua voz de Belém  
me me falando do Para  
Não tem passo no barge de Se  
que aconteceu que comeste abio?  
Não uma linha para este  
velho

quando, deixando pto malcom um  
de um andar novo  
As pernas daim e tremam  
que sabem - esse no João Diogo?

Paula  
1988